

# Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes

Luís Fernandes

Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Universidade Nova de Lisboa

Programa Doutoral em Media Digitais - UT Austin | Portugal  
la.fernandes@fct.unl.pt

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende explorar alguns conceitos no âmbito das redes sociais online e equacionar as potencialidades que a rede social Facebook pode evidenciar no contexto das comunidades virtuais de aprendentes.

Existem alguns marcos, pequenos apontamentos, ao longo do tempo, que na existência desta rede social têm ditado muitas reticências e mesmo receios. Se no surgimento do Facebook muitas eram as preocupações com a privacidade e segurança, cedo esses receios se esbateram, sobretudo porque a rede crescia de uma forma muito célere e consistente. Os críticos e académicos começaram então a equacionar o que de positivo, para um ambiente de aprendizagem, se poderia extrair desta rede com tanto sucesso e com uma taxa de penetração inigualável.

Por vezes a rendição à evidência não é forçosamente uma inevitabilidade, a comprovar isso mesmo o facto do Facebook mostrar ser uma rede muito flexível que permite a inclusão de aplicações que consubstanciam o papel da rede social na educação.

## 2. REDES SOCIAIS ONLINE

### 2.1 Caracterização

Numa perspectiva sociológica, de onde se colhe o termo de “redes sociais”, pode afirmar-se que existem várias definições que comungam dos mesmos princípios: confiança, partilha e reciprocidade. Barker [3] caracteriza as redes sociais como indivíduos ou grupos ligados por algo em comum: a partilha de um estatuto social; a similaridade dos cargos que ocupam e a cultura ou proximidade geográfica. Huberman e tal. [11] apresentam uma caracterização genérica destas redes onde incorporam a noção de que todas as pessoas compartilham uma relação social, onde na realidade estas interagem com poucas daquelas que se podem “listar” como parte da sua rede. Estes autores reforçam que uma razão para a fraca interacção pode explicada pelo facto da atenção ser um recurso escasso na era da Web. Os utilizadores são confrontados com tarefas diárias para um largo número de ligações na sua rede e destas, poucas interessam e são poucas as que retribuem a atenção dispensada.

No contexto das “redes sociais online” importa referir características mais particulares deste tipo de redes. “As redes sociais na Web emergem das práticas de interacção orientadas para a partilha e formação de grupos de interesse que estão na origem das narrativas digitais da Sociedade do Conhecimento.” [4].

Na Figura 1 está representado um diagrama elaborado por Panteli [14] e apesar de se tratar da análise de níveis de investigação relacionados com ambientes virtuais, está bem explícita uma divisão entre duas dimensões: as interacções

baseadas na disponibilidade tecnológica, limitadas tecnologicamente e que proporcionam fraca interacção (um ou poucos utilizadores), em oposição a uma disponibilidade tecnológica generalizada com características de interactividade propiciadoras de ambientes com múltiplos utilizadores. Embora o conceito de redes sociais virtuais se associe mais facilmente a aplicações Web como o Second Life, onde existe a manifesta intenção do utilizador se fazer representar num ambiente virtual, pode afirmar-se que redes sociais online partilham da mesma caracterização: redes que propiciam a interacção entre vários utilizadores, tecnologicamente generalizadas e acessíveis, transcendendo o esfera relacional das organizações.

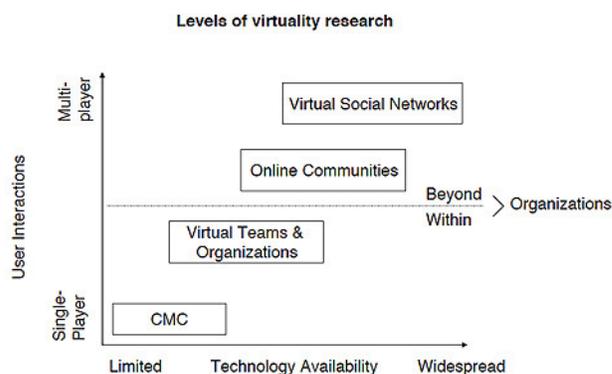


Figura 1 - Níveis de Investigação em Virtualidade

### 2.2 O Facebook como Rede Social

O Facebook é uma rede social cuja finalidade é ligar utilizadores em rede. O MySpace e o Friendster são plataformas semelhantes, porém, o Facebook é conotado como a rede mais popular entre estudantes universitários [6].

De acordo com Panteli [14] o Facebook é uma rede social com um tipo de participação massiva, uma característica relacionada como número de membros registados. Quando esse número é muito elevado provoca um efeito de aglomerado, formando um grupo muito sólido que tende a agir de uma forma homogénea e consistente. Segundo Panteli [14], citando Alon et al. [1] e Valck et al. [17], as pesquisas efectuadas demonstram que o tempo que os utilizadores passam nessas comunidades proporciona o desenvolvimento de laços emocionais levando ao aumento da frequência das visitas destes utilizadores neste tipo de comunidades.

O portal “Online PhD” [13], publicou um estudo sobre dados estatísticos relacionados com o Facebook desde a sua fundação, dos quais, neste contexto convém destacar: 1 milhão de utilizadores em 2004 (quando a plataforma estava apenas disponível nas redes universitárias); 12 milhões de utilizadores em 2006 (altura em que a rede se abriu a todos os utilizadores); em 2011 são já mais de 800 milhões de utilizadores, estimando-se, segundo a fonte anteriormente citada, que cada estudante se liga à rede cerca de 100 minutos por dia.

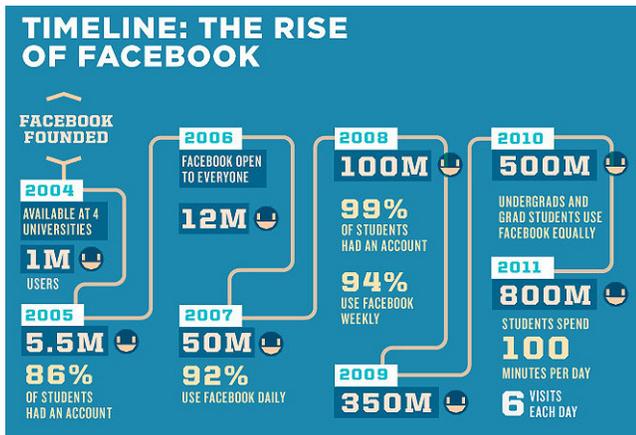


Figura 2 - Crescimento do Facebook [13]

### 3. COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDENTES

Será pouco frequente encontrar uma designação consensual para a análise das aprendizagens em ambientes Web. Contudo, creio que adequada a caracterização apresentada por Freitas [8] a propósito da definição de “Sociedades Aprendentes e Comunidades de Prática Educativa”. O autor, citando Figueiredo [7] contextualiza este tema da seguinte forma: “hoje aprende-se dentro e fora da escola e das mais variadas formas, o que no contexto de uma aprendizagem ao longo da vida, só pode acontecer precisamente fora das escolas, colocando-nos o desafio de construirmos sociedades de aprendizagem...”. Estas sociedades representam-se da melhor forma constituindo comunidades sustentadas pelo uso de tecnologias Web.

Estas comunidades surgem sobretudo com o advento da chamada “Web 2.0”, que retrata um conjunto de tecnologias que potenciam as relações sociais na Web e que ao mesmo tempo potenciam formas complementares de aprendizagem. A este respeito Barros [4] fala-nos da Web 2.0 “enquanto rede de autor e produção individual, colectiva e colaborativa...” propiciando “novas formas e possibilidades de criação de conteúdos e de utilização desses mesmos conteúdos, nomeadamente, como podcasts, blogues, bookmarks sociais, redes sociais, actividades em mundos virtuais e wikis.”.

Em relação ao tipo de aprendizagens motivadas por estes ambientes, Brown e Sadler [5] referem o surgimento de uma nova abordagem na aprendizagem que é motivada pelos interesses particulares do aluno (“demand-pull”), em oposição ao modelo tradicional da aquisição de conhecimento onde cabe ao professor ditar os conteúdos específicos (“supply-push”). Caberá ao próprio aluno assumir um papel exploratório e dessa experiência poder colher ensinamentos significativos.

## 4. CONTRIBUTO DO FACEBOOK NA EDUCAÇÃO

### 4.1 Evolução do Facebook

Considera-se pertinente efectuar uma breve análise cronológica no que respeita à evolução da rede social nas suas diversas potencialidades, contudo, centrar a abordagem nos aspectos que se relacionam, ainda que tenuemente, com a educação.

A rede social Facebook nasce em 2004, como rede privada universitária e este ambiente propicia a conotação imediata ao ensino. Em 2005 alguns dos estudos publicados relacionados com a rede aludiam para o tema da segurança e privacidade ao mesmo tempo que as universidades ajuizavam o comportamento dos alunos com alguma apreensão. Nesse ano Govani e Pashley [9] introduzem um artigo desta forma:

*“One of the first things that a new college freshman does upon entering Carnegie Mellon University (CMU) is create a profile for themselves on Facebook, a popular college social network. These profiles contain pictures, contact information such as cell phone numbers and residential location, sexual and political preferences, as well as a list of “friends.” Profiles are defaulted to be viewable by all Facebook users at your college as well as to “friends” at other universities. While Facebook is arguably convenient, it does present many privacy concerns.”*

Embora houvesse preocupação com a segurança e privacidade, ressalta neste excerto o efeito a rede causava na massa estudantil, uma vez que a prática comum de um novo aluno passava por criar o seu perfil no Facebook. Deve salientar-se que em 2005 só podiam criar perfis os alunos das universidades admitidas na rede. Um aluno que tivesse um perfil gozaria de um estatuto de estudante universitário, além de um alargado leque de novos amigos.

Em 2006 com a abertura da rede social a todos os internautas o Facebook experimenta um período de expansão, duplicando o número de utilizadores registados [13].

Depois de algum tempo de maturação da rede havia muitos académicos a questionarem-se sobre aquilo que poderiam fazer com este Facebook que entretanto quadruplicada o número de utilizadores [13]. Thompson [16], em 2007, escreve um artigo com um título sugestivo: “Is Education 1.0 Ready for Web 2.0 Students?”. Neste artigo o autor levanta algumas questões, das quais convém destacar:

*“Will the use of such social networking sites as MySpace.com and Facebook.com (...) cause consternation, or will institutions of higher education learn to incorporate Web 2.0 applications in a positive and educational way?”*

Importa ainda referir a seguinte reflexão que Thomson [16] inclui no seu artigo a seguinte:

*“My colleagues do not use Facebook in their classes, and they are possibly missing an opportunity to capitalize on their students' involvement with the sites.”*

Pode afirmar-se que é durante o ano de 2008 que mais publicações surgem, até então, relacionando o Facebook com a educação. Terá sido por esta altura que se consolida a denominação de “Social Networking Sites” (SNS). Neste ano Griffith e Liyanage [10] apresentam um artigo que aborda o

potencial dos SNS na educação. Segundo as autoras neste ano as instituições académicas estavam a descobrir as vantagens dos SNS e os alunos a utilizá-los nos seus estudos, sobretudo para os trabalhos em grupo. As autoras concluíam que as diversas redes e a estrutura social estabelecida nos SNS ajudava a promover a interação entre professor e aluno.

No ano de 2010 o Facebook ultrapassa os 500 milhões de utilizadores [13], multiplicando por 100 número de utilizadores registados 5 anos antes. Patrício e Gonçalves [15] efectuaram um estudo de caso implementado a 59 alunos do 1.º ano da licenciatura em Educação Básica, na unidade curricular de Informação e Comunicação em Educação, levado a cabo no Instituto Politécnico de Bragança. O estudo consistiu na “exploração das aplicações e funcionalidades do Facebook, na identificação da sua utilidade educativa, na experimentação através de recursos e actividades contextualizadas e na correspondente avaliação por meio de um questionário.”. Na Figura 3, gráfico resultante da análise de inquéritos aos alunos, pode constatar-se que a generalidade concorda com as funcionalidades e potencialidades do Facebook.

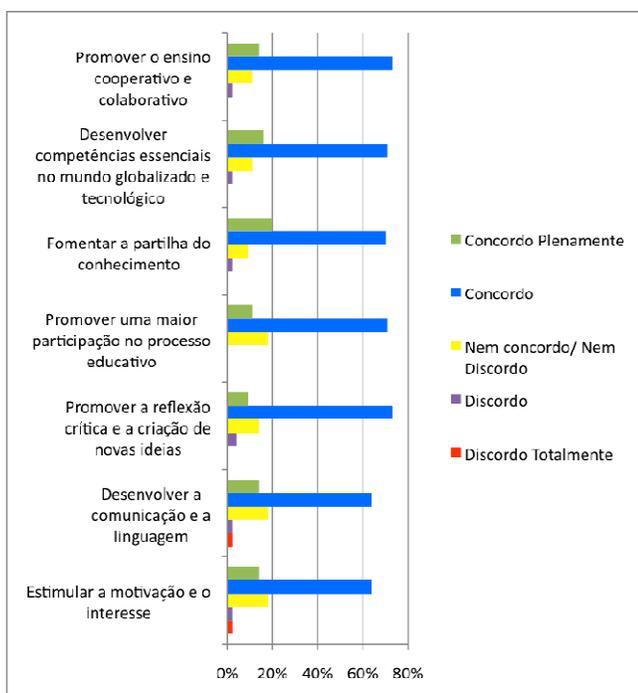


Figura 3 - Potencial educativo do Facebook [15]

Das conclusões convém realçar que o Facebook “pode ser utilizado como um recurso/instrumento pedagógico importante para promover uma maior participação, interação e colaboração no processo educativo, para além de impulsionar a construção partilhada, crítica e reflexiva de informação e conhecimento distribuídos em prol da inteligência colectiva.”

Na actualidade o Facebook continua a revelar-se uma plataforma sólida no que respeita à segurança, algo que reforça a confiança dos utilizadores fazendo com esta reúna o maior número de utilizadores dos SNS.

## 4.2 Facebook como Ambiente Pessoal de Aprendizagem

A designação de Ambiente Pessoal de Aprendizagem deriva de Personal Learning Environment (PLE). Barros e tal. [4] citando Attwell [2] define PLE como “a integração dos espaços formais e

informais na aprendizagem”. O mesmo autor, sobre o mesmo tema e citando Velasco [18], descreve PLE como ambientes pessoais, flexíveis e centrados no estudante, um conceito baseado na Web 2.0 que se expressa por “um conjunto de sistemas e ferramentas acessíveis através do browser, que criam um ambiente no qual os estudantes têm acesso à informação e serviços a partir de uma grande variedade de fontes.”.

Martindale e Dowdy [12] referem-se ao Facebook como uma plataforma baseada na Web do tipo rede social mas que possui agilidade suficiente para ser considerado PLE, ainda que não tenha sido concebida para desempenhar o papel de ferramenta de ensino.

De facto o Facebook acaba por oferecer recursos que estão presentes na maioria dos PLE, o que possibilita ao estudante um ambiente de aprendizagem informal através da Web.

## 5. CONCLUSÃO

Não foi intenção deste estudo demonstrar que o Facebook é inequivocamente uma ferramenta indispensável para incentivar a aprendizagem. Contudo, foram apresentados diversos argumentos que não podem ser ignorados.

O estudo publicado pela Online PhD [13], demonstra que os hábitos dos estudantes que mantêm actividade no Facebook acabam por passar mais tempo na universidade. O mesmo estudo revela que existem aplicações daquela rede que são desenhadas para que os estudantes tenham uma adaptação ao sistema de ensino universitário. Por outro lado, o Facebook ajuda também a relacionar os estudantes o que facilita o processo de integração e de esclarecimento de dúvidas acerca das mais variadas questões relacionadas com a vida académica. No entanto, e segundo o mesmo estudo, 75% dos futuros potenciais estudantes, considera que as universidades deviam disponibilizar uma comunidade privada para os novos alunos.

Recentemente surgiu a aplicação “hoot.me” que pode ser instalada no Facebook que permite utilizar todos os recursos desta rede social e utilizá-la em “modo de estudo”. A aplicação apresenta-se de forma muito clara: “Connect with your friends to work on homework and projects”, desta forma torna-se mais evidente que o Facebook pode ser potenciado para um ambiente de estudo, de aprendizagem ajustado aos seus métodos, interesses e limitações.

## 6. REFERÊNCIAS

- [1] Alon, A., Brunel, F. and Siegal, W.S. (2004). Ritual Behavior and Community Life-Cycle: Exploring the Social Psychological Role of Net Rituals in the Development of Online Consumption Communities. In: C. Haugvedt, K. Machleit and R. Yalch (eds) Online Consumer Psychology: Understanding How to Interact With Consumers in the Virtual World. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- [2] Attwell, G. (2007). Personal Learning Environments - the future of eLearning? [www.elearningeuropa.info/files/media/media11561.pdf](http://www.elearningeuropa.info/files/media/media11561.pdf)
- [3] Barker, Robert L. (Ed.). (1999). The social work dictionary (4th Ed.). Washington, DC: NASW Press.
- [4] Barros, D., Neves, C., Seabra, F., Moreira, J. e Henriques, S. (2011). Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas, Lisboa: [s.n.], ISBN: 978-989-20-2329-8.

- [5] Brown, J.S. and Adler, R.P. (2008). Minds on fire, open education, the long tail and learning 2.0, *Educause Review*, January–February.
- [6] EDUCAUSE, (2006). 7 things you should know about Facebook. Acedido em: 22/08/2011 em: <http://www.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7017.pdf>
- [7] Figueiredo, A. D. (1995) What are the big challenges of Education for the XXI century: proposals for action, invited contribution for the preparation of the White Book on Education and Training for the XXI century, Eurydice, <http://eden.dei.uc.pt/~adf/whitebk.htm>, 2004/05/22
- [8] Freitas, J. (2004). Internet na Educação – Contributo para a construção de redes educativas com suporte comportamental. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Faculdade de Ciências e Tecnologias – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- [9] Govani, T., & Pashley, H. 2005. Student awareness of the privacy implications when using Facebook. Pittsburgh, PA: Carnegie Mellon University.
- [10] Griffith, S, & Liyanage, L. (2008). An introduction to the potential of social networking sites in education. In I. Olney, G. Lefoe, J. Mantei, & J. Herrington (Eds.), *Proceedings of the Second Emerging Technologies Conference 2008* (pp. 76-81). Wollongong: University of Wollongong.
- [11] Huberman, B.A., Romero, D.M. e Wu, F. (2008). Social Networks That Matter: Twitter Under The Microscope, *First Monday*, vol. 14, no. 1.
- [12] Martindale, T., & Dowdy, M. (2009). Personal Learning Environments. [www.teachable.org](http://www.teachable.org). Acedido em: [http://teachable.org/papers/2009\\_ple.pdf](http://teachable.org/papers/2009_ple.pdf).
- [13] ONLINEPHD.ORG (2011). How Facebook is Enriching the College Experience. Acedido em: 18/10/2011 em: <http://onlinephd.org/fb-university/>
- [14] Panteli, N. (2009). *Virtual Social Networks: Mediated, Massive and Multiplayer Sites*, Palgrave-Macmillan, Hampshire, UK.
- [15] Patrício, Maria Raquel; Gonçalves, Vítor (2010) - Facebook: rede social educativa? In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. p. 593-598. ISBN 978-989-96999-1-5
- [16] Thompson, J. 2007. Is Education 1.0 ready for Web 2.0 students?. *Innovate* 3 (4). <http://www.innovateonline.info/index.php?view=article&id=393>
- [17] Valck, K., Langerak, F., Verhoef, P.C. and Verlegh, P.W.J. (2006). Satisfaction with Virtual Communities of Interest: Effect on Members' Visit Frequency, *British Journal of Management*, 18, 241–56.
- [18] Velasco, K. (2010). Learn: Making learning personal. *Training Journal*, February, pp. 24-28.